CIÊNCIAS HUMANAS
REVISTA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
URI FREDERICO WESTPHALEN
ISSN 1981-9250
PPGEDU

A CONDIÇÃO JUVENIL DE SURDOS NO ENSINO MÉDIO

THE YOUTH SITUATION OF THE DEAF PEOPLE IN HIGH SCHOOL

LA CONDICIÓN JUVENIL DE SORDOS EN LA ENSEÑANZA MEDIA

***Me. Thais Alvim Victorino*[1]**
***Profa. Dra. Mônica Maria Farid Rahme*[2]**

RESUMO
O presente artigo busca apresentar parte de uma pesquisa já finalizada sobre o cotidiano escolar de jovens surdos no ensino médio, destacando aspectos relacionados à condição juvenil destes estudantes, como, dentre outras, por exemplo, a relação com a família, o trabalho e o tempo livre. O estudo foi realizado na cidade de Belo Horizonte – MG, em uma escola da rede pública de ensino durante o período de aproximadamente sete meses. Foram acompanhadas duas turmas com um total de nove surdos, sendo sete do sexo feminino e dois do sexo masculino. No entanto, nesse artigo, serão enfatizadas as entrevistas realizadas com quatro destes estudantes. Para a realização da pesquisa, optamos por utilizar o estudo de caso que contempla a observação participante, entrevistas com roteiro semiestruturado e aplicação de questionário. A partir da investigação realizada, verificamos que as relações estabelecidas com as famílias parece influir em como o jovem constrói a sua condição juvenil. Os dados do questionário somado às observações no campo mostram uma aproximação dos resultados encontrados na pesquisa "Perfil da juventude brasileira" (2005), o que indica a particularidade linguística como um fator o que diferencia os jovens, não tanto em suas práticas, mas em relação à com quem as atividades são desenvolvidas. Os jovens que se comunicam exclusivamente através da Libras, por exemplo, se limitam ao convívio de seus pares. No que diz respeito ao trabalho, os jovens surdos também se assemelham aos jovens ouvintes no que diz respeito aos significados que atribuem à atividade laboral e às aspirações em relação ao futuro.

PALAVRAS-CHAVE: Surdez. Juventude. Ensino Médio. Condição juvenil.

ABSTRACT
This paper introduces part of a research already done about the school life of young deaf people in high school, and it highlights some aspects related to the youth situation of these students, for example, the relationship among the family, the job and the free time. The study was performed in the city of Belo Horizonte/MG, in a public school, for about seven months. A total of nine deaf people from two classes were followed-up, seven females and two males. However, will be emphasized, in this article, the

[1] Mestra em Educação pelo Programa de Pós-Graduação Conhecimento e Inclusão Social da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais. Possui graduação em Ciências Sociais, bacharelado (2014) e licenciatura (2015), pela mesma universidade.

[2] Professora Adjunta do Departamento de Ciências Aplicadas à Educação (DECAE-FaE-UFMG). Doutora em Educação pela Universidade de São Paulo. (FE-USP). Autora de artigos na área de Educação, Educação Especial e Psicanálise. Integrante do Laboratório de Estudos e Pesquisas Psicanalíticas e Educacionais sobre a Infância (LEPSI) e da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia (ANPEPP).

CIÊNCIAS HUMANAS
REVISTA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
URI FREDERICO WESTPHALEN
ISSN 1981-9250
PPGEDU

interviews with four of these students. The case study was chosen so that this research could be performed, which study contemplates the participant observation, interviews with semi-structured guidelines and questionnaire application. Based on the investigation, we could verify that the relationships set among the families seem to influence in how the young build its youth situation. The data from the questionnaires added to the observations at field have shown certain approach of the results found in the research "Profile of the Brazilian youth" (2005), which indicates the linguistic particularity as a factor which distinguishes the young, not as much in their practices, but related to whom the activities are developed. The young people who communicate entirely through Brazilian Sign Language (LIBRAS), for example, are limited to the interaction of their peers. Regarding to the labor, the young deaf people also look like the young hearing people concerning to the meanings they assign to the labor activity and to the aspirations for the future.

KEYWORDS: Deafness. Youth. High School. Youth Situation.

RESUMEN
Este artículo busca presentar parte de una investigación ya finalizada sobre el cotidiano escolar de jóvenes sordos en la enseñanza media, destacando aspectos relacionados a la condición juvenil de estos estudiantes, como, por ejemplo, la relación con la familia, el trabajo, el tiempo libre, entre otros. El estudio fue realizado en la ciudad de Belo Horizonte - MG, en una escuela del sistema público de enseñanza durante aproximadamente siete meses. Fueron acompañados dos grupos con nueve sordos en total; siete de sexo femenino y dos de sexo masculino. Sin embargo, en este artículo, se enfatizarán las entrevistas con cuatro de estos estudiantes. Para la realización de la investigación, optamos por utilizar un estudio de caso que contemplase la observación participante, entrevistas semiestructuradas y la aplicación de un cuestionario. A partir de la investigación realizada, verificamos que las relaciones establecidas con las familias parecen influir en cómo el joven construye su condición juvenil. Los datos del cuestionario sumados a las observaciones en campo muestran una aproximación a los resultados encontrados en la investigación "Perfil de la juventud brasilera" (2005), que señala a la particularidad lingüística como un factor que diferencia a los jóvenes no tanto en sus prácticas, sino en relación a con quién las actividades son desarrolladas. Los jóvenes que se comunican exclusivamente por medio de Libras, por ejemplo, se limitan a la convivencia con sus pares. Con respecto al trabajo, los jóvenes sordos también se asemejan a los jóvenes oyentes al considerar los significados que le atribuyen a la actividad laboral y a las aspiraciones en relación al futuro.

PALABRAS CLAVE: Sordera. Juventud. Enseñanza Media. Condición juvenil.

INTRODUÇÃO

Neste artigo apresentaremos parte dos resultados de uma pesquisa de mestrado finalizada e que teve como objetivo compreender os sentidos atribuídos às experiências escolares vivenciadas por jovens surdos no ensino médio. Algumas questões foram norteadoras do estudo, como: quais as relações que estes sujeitos estabelecem com os colegas surdos, os professores, os alunos ouvintes e os funcionários da escola? Qual significado atribuem a frequentar à escola? Como estes alunos ocupam o espaço escolar? Qual relação eles estabelecem com o conhecimento?

Abordaremos ao longo deste texto, em específico, alguns dos aspectos relacionados à condição juvenil dos surdos participantes da pesquisa. Assim, apresentaremos a seguir qual a relação desses jovens com o trabalho, com suas famílias,

bem como as atividades que realizam no tempo livre, partindo sempre da perspectiva dos próprios sujeitos, com base em entrevistas[3] e observação.

Em nossa análise não perdemos de vista que a juventude é uma categoria social, cultural, histórica e também relacional, sendo determinada de acordo com a época e os processos sócio-históricos a que está vinculada (LEÓN, 2008). Assim, adentramos no cotidiano dos jovens surdos para conseguir assimilar qual a condição juvenil desses sujeitos na escola, dado que quando falamos de condição juvenil estamos nos referindo a uma dupla dimensão:

> ao modo como uma sociedade constitui e atribui significado a esse momento do ciclo da vida, no contexto de uma dimensão histórico-geracional, mas também à sua situação, ou seja, o modo como tal condição é vivida a partir dos diversos recortes referidos às diferenças sociais – classe, gênero, etnia, etc. (DAYRELL, 2006, p. 6).

Logo, entendemos que a condição juvenil é diversa. Em relação ao objeto em estudo temos um recorte previamente estabelecido: a surdez. Buscamos compreender ao longo da pesquisa sobre como a surdez pode interferir na condição juvenil vivida por estes jovens em seus diferentes aspectos, como estes alunos, sendo surdos, se expressam, experimentam sua condição juvenil.

METODOLOGIA

A pesquisa foi realizada na cidade de Belo Horizonte, Minas Gerais, em uma escola da rede pública por um período de aproximadamente sete meses. Para o seu desenvolvimento, optamos pela combinação de métodos qualitativos e a aplicação de um questionário aos jovens participantes. Utilizamos inicialmente a observação, que consiste em um mergulho na vida/cotidiano daqueles que desejamos estudar (URIARTE, 2012), o que consistiu em uma imersão no cotidiano escolar de jovens surdos. Estudamos um grupo visando compreender seus comportamentos e, por isso, utilizamos o que Becker (1993) denomina de Estudo de Caso em ciências sociais que faz o uso da observação participante e, muitas vezes, combina outros métodos como as entrevistas. Estas entrevistas tinham roteiro semiestruturado (BURGESS, 1997), que

[3] As entrevistas ocorreram no ano de 2017 e optamos por manter a grafia do momento em que foram realizadas.

CIÊNCIAS HUMANAS
REVISTA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
URI FREDERICO WESTPHALEN
ISSN 1981-9250
PPGEDU

foram gravadas em vídeo[4]. Foram entrevistados dois estudantes do sexo masculino e dois do sexo feminino. As entrevistas aconteceram na escola, em horários escolhidos pelos jovens e foram realizadas em Língua Brasileira de Sinais, sem a necessidade de intérprete, dado que a pesquisadora domina o uso desta língua.

A observação possibilita acesso a um extenso conjunto de dados, inclusive aqueles que não foram previstos pelo pesquisador. (BECKER, 1993) Para conseguir captar esses dados, aplicamos um questionário, a fim de analisar o perfil de todos os jovens e não somente aqueles entrevistados. Foi a partir da observação participante (JACCOUD & MAYER, 2010) que se deu a escolha dos entrevistados, considerando critérios, como idade, gênero e raça/etnia, participação no grupo, buscando os diferentes tipos dentro do grupo de surdos.

Apresentação dos jovens entrevistados

A aluna Ana[5] tem 18 anos e cursa o segundo ano do ensino médio, e mora com sua mãe, uma tia e uma prima no bairro Ermelinda, localizado na região noroeste de Belo Horizonte. Não exerce nenhuma atividade remunerada. Sua mãe trabalha como empregada doméstica/faxineira e Ana não soube informar sua escolaridade quando perguntada através do questionário. Afirma escutar "metade" do ouvido direito e não escuta nada do lado esquerdo, e que é oralizada. Comunica-se com seus pares surdos através da Língua de Sinais e utiliza-se da fala para conversar com ouvintes.

Camila tem 22 anos e está na segunda série do ensino médio. Mora sozinha no bairro Mantiqueira, em Venda Nova, com sua filha de 2 anos. Trabalha como digitadora por um período de 6 horas diárias na Cidade Administrativa de Minas Gerais. Sua mãe trabalha no supermercado Carrefour e, segundo Camila, possui curso superior completo. Relata que consegue falar um pouco e fazer leitura labial, o que facilita sua comunicação com os ouvintes. A Língua de Sinais é utilizada para comunicação e ela aponta a centralidade da mesma para o ensino escolar de surdos.

Lucas tem 18 anos e também frequenta o segundo ano do ensino médio. Mora no bairro Santa Cruz com sua mãe, que possui ensino médio completo, e a avó. Atualmente não trabalha, e sua mãe exerce a função de estoquista. Comunica-se através da Língua de Sinais com seus amigos surdos e, como afirma ser "metade oralizado", consegue se comunicar através da fala com alguns colegas ouvintes.

[4] Elas foram videogravadas devido à estrutura da Língua de Sinais, que é gesto-visual, possibilitando suas transcrições.

[5] Os nomes dos entrevistados são fictícios para garantir a anonimato dos mesmos.

CIÊNCIAS HUMANAS
REVISTA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
URI FREDERICO WESTPHALEN
ISSN 1981-9250
PPGEDU

André tem 18 anos e está na última série do ensino médio. Mora em Nova Lima com sua irmã e sua mãe, a qual, segundo ele, possui ensino superior completo. No contra turno da escola, trabalha como auxiliar administrativo em um projeto chamado "Projeto Eficiência" da Rede Cidadã cumprindo a carga horária de 4 horas diárias. Sua mãe é costureira. Domina a Língua de Sinais e a utiliza para a comunicação com surdos e ouvintes que também sabem a Libras e afirma conseguir fazer leitura labial e falar um pouco, valendo-se disso para interagir com os ouvintes.

A CONDIÇÃO JUVENIL DOS JOVENS SURDOS

O perfil dos jovens e sua relação com a família

O grupo de jovens surdos estudantes, à época, da escola investigada é formado por nove sujeitos, sendo sete do sexo feminino e dois do sexo masculino, com idades que variam entre 15 e 22 anos. A partir do questionário aplicado, sabemos que a maioria dos jovens se autoclassifica como pardos, sendo que apenas um se declarou branco.

Os estudantes moram relativamente longe da escola, na periferia da cidade, há casos em que os jovens residem em outros municípios que fazem parte da região metropolitana de Belo Horizonte. Três destes jovens trabalham no contra turno da escola, sendo que dois deles cumprem um horário de 4 horas diariamente exercendo funções de auxiliar de administração e uma jovem que trabalha como digitadora 6 horas por dia.

Os pais tendem às profissões pouco valorizadas, como, por exemplo, pedreiro sem nunca ter estudado, porteiro e comerciante ambos com ensino fundamental incompleto e por fim, taxista com ensino médio completo. Estas informações sobre profissão e escolaridade, sendo associadas, podem nos indicar que os jovens fazem parte de camadas populares. As funções que as mães efetuam também são pouco valorizadas como, por exemplo, cabelereira, empregada doméstica, estoquista, cozinheira e dona de casa. A escolaridade variou, tendo a seguinte configuração: duas mães possuem ensino superior completo e exercem a função de costureira e a outra trabalha em uma rede de supermercados chamada Carrefour, como preenchido por sua filha; uma possui ensino médio completo, duas possuem o ensino fundamental incompleto e apenas uma nunca estudou.

Os dados acima, associados às observações feitas, permitem uma classificação inicial das famílias em dois grupos: aquelas que tendem a aceitar a surdez e aquelas que

de alguma forma a negam, sendo possível estabelecer uma relação com o uso ou não da Língua de Sinais e a construção de uma identidade.

Percebemos a aceitação dessas famílias quando os jovens relatam sobre como eles se relacionam com seu núcleo familiar. O aluno André narra que quando sua mãe descobriu que ele era surdo, após o nascimento, buscou aprender a Língua de Sinais e junto a ele ainda criança aprendiam essa nova forma de conversação. Os dois conversam sempre em Libras e sua mãe se preocupa constantemente, segundo ele, em saber como está sua vida, o trabalho e também a escola; se há atividades para serem feitas e se precisa de ajuda em algo. Ele também descreve que ajuda sua mãe nas tarefas domésticas, lavando louça e limpando a casa quando solicitado e que, como sabe que sua mãe trabalha, às vezes realiza essas tarefas antes mesmo do pedido dela.

Durante a entrevista, André utilizou da palavra "normal" ao final das frases para descrever tanto sua relação com sua mãe, como com sua irmã. Foi possível depreender a partir do uso frequente desta palavra que André mostra não apresentar dificuldades no convívio familiar, no que diz respeito à sua surdez. Entretanto, quando convidado a imaginar como seria sua vida se, por exemplo, sua mãe não soubesse Libras, ele responde:

> *Ah, a vida ia ser difícil, a comunicação não ia existir. Porque é ruim ficar escrevendo e mostrando sempre. Ia ser confuso. A discussão ia ser difícil, é ruim. Graças a deus, tenho sorte que ela (sua mãe) sabe Libras, então é ótimo.* (André, aluno)

Seu depoimento parece indicar a aceitação da surdez por sua mãe que aprende a Língua de Sinais e também a importância dessa língua no vínculo entre mãe e filho. De acordo com Dizeu e Caporali (2005), a família desempenha um papel determinante para que a Língua de Sinais seja a "língua funcionante" na expressão da criança surda.

Camila é outra jovem que nos diz da relação com sua mãe sendo perpassada pela Língua de Sinais. Inicialmente, sua família a obrigava a usar a oralização para se comunicar. Cansada de frequentar fonoaudiologia e ter que falar, sem sua vontade e não se adaptando ao aparelho auditivo, narra que sua mãe percebeu que a Libras seria melhor para a sua comunicação. Passaram, a partir de então, a utilizar a Língua de Sinais para a interlocução. Ela relembra:

> *[...] "eu estava cansada da fono e de falar, eu não queria. Aí minha mãe entendeu que era Libras o melhor e nós passamos a conversar assim. Às vezes ela esquecia o sinal, por exemplo, de importante, aí eu perguntava a intérprete a palavra e falava pra ela. Ela me perguntava qual o sinal em Libras e eu explicava. Ás vezes eu falava junto com Libras pra ela entender.* (Camila, aluna)

CIÊNCIAS HUMANAS
REVISTA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
URI FREDERICO WESTPHALEN
ISSN 1981-9250
PPGEDU

Neste processo de aprendizagem, ela relata que hoje sua mãe sabe Libras e que conversam sobre tudo. Entretanto, ressalta que se você é surdo e apenas sinaliza, talvez sua mãe não compreenda toda a sua fala devido à rapidez da sinalização. Outro aspecto da relação que Camila estabelece com sua mãe pode ser notado quando ela relata suas experiências escolares. Segundo ela, sua mãe esteve sempre presente em momentos importantes, tais como, quando estudou em uma escola em que não havia intérprete e quando almejava uma vaga para estudar em outra escola. Percebemos, a partir das falas de Camila, o esforço de sua mãe que a acompanhou nas mudanças que fez de uma escola a outra, em seu depoimento afirma que sua mãe sempre buscou uma escola que fosse "ideal" para a sua filha, o que parece mostrar sua aceitação em relação à surdez e compreensão das particularidades linguísticas existentes.

Por fim, em relação à escola, parece haver uma cumplicidade entre mãe e filha sobre o que acontece no dia a dia escolar. Observamos em seu discurso outro aspecto ligado à relação família/escola, a insatisfação da mãe de Camila com a ausência da abordagem das questões relativas aos alunos surdos na reunião dos pais. Mais uma vez, a preocupação da mãe com as questões escolares pode nos indicar a aceitação da surdez de sua filha.

Camila relata também sobre o papel que sua mãe teve para encorajá-la a ter contato com ouvintes. No começo, tinha vergonha de falar e de tentar se comunicar, porém, com incentivo, viu que era possível e, com isso, conseguiu se desenvolver e realizar tarefas sozinha, como ir a uma empresa para conseguir trabalho. O estudo realizado por Oliveira et al. (2004) indica que essa é uma prática presente em algumas famílias e feita pelos pais que tem filhos surdos, a fim de que possam se relacionar para além do ambiente escolar. Percebemos também por meio dessa fala que, além da aceitação da surdez passada pelo uso de Libras por parte de sua mãe, a genitora reforça positivamente a surdez de sua filha quando a estimula a estabelecer relação para além do grupo de surdos, sem se sentir constrangida neste processo.

A aceitação da família sobre a surdez e a importância do aprendizado da Libras, em decorrência disso, também pode ser percebida quando André conta da sua experiência com outro membro de sua família, a relação com sua irmã mais nova que sabe a língua perfeitamente e "até parece surda, mas não é". André conta dessa troca entre os dois:

> *Antes eu pedia muito (para interpretar), pedia 'por favor'. Agora não, ela aprendeu, ela já sabe. Antes ela era mais devagar. Agora aprendeu tudo, é perfeita a interpretação. Ela consegue. Ás vezes ela pergunta 'você quer que interpreta?' e eu falo 'quero, lógico'. Aí ela vem e senta perto de mim. Sempre me chama pra tá perto dela.* (André, aluno)

Observamos assim, que parece ser por meio da criação de um ambiente acolhedor, feito por sua mãe, visto que ele é o primogênito, que André possui uma relação positiva com sua irmã devido ao uso da Língua de Sinais. A atividade que realiza com certa frequência junto à sua irmã, incluindo também sua mãe, é comparecer a uma igreja evangélica aos domingos. André relata que sua relação com os outros membros da igreja é boa e que, mesmo sem saberem Libras em sua maioria, há uma comunicação porque alguns gestos como o "positivo" utilizado para perguntar se está tudo bem é compreendido por todos. Há intérprete de Libras na igreja que frequenta e completa afirmando que, se por ventura, não compreende algo sua irmã o auxilia interpretando da oralidade para Língua de Sinais.

O jovem também dimensiona o papel da Libras em sua relação com sua família quando perguntado como seria a vida de um surdo que não domina essa modalidade de comunicação.

> *É difícil. Você não consegue se comunicar com sua família!! Não consegue se comunicar com outras pessoas. Não consegue entender as palavras em português. (breve pausa) É isso. A vida é difícil, muito difícil.* (André, aluno)

André, além de atribuir importância central à Língua de Sinais, indica sua relevância para a compreensão do Português. Segundo Grosjean (1999), para as pessoas surdas a questão da linguagem é primordial, dado que ela se constitui um meio importante para o estabelecimento e a solidificação, tanto dos vínculos sociais, como os pessoais que existem entre a criança que é surda e seus pais.

O mesmo autor, em defesa do direito de as crianças surdas crescerem bilíngues, independentemente do seu grau de surdez, afirma que é por meio da linguagem, ou seja, a aquisição de uma língua de sinais e uma língua oral (no seu modo escrito) que permitirá a criança desenvolver completamente suas capacidades cognitivas, linguísticas e sociais. Ele lista cinco tarefas que o surdo será capaz de cumprir por meio da linguagem, a saber: comunicar com seus pais e parentes o mais cedo possível, desenvolver suas capacidades cognitivas ainda na infância, adquirir ciência sobre o mundo, comunicar-se com o mundo que o cerca e pertencer culturalmente a dois mundos. (GROSJEAN, 1999)

O caso de André e Camila, no que diz respeito às relações que estabelecem com suas famílias, parece indicar uma estreita conexão entre a aceitação da surdez, tendo como expressão/decorrência a aprendizagem da Língua de Sinais, principalmente pelas mães, influenciando consequentemente a construção de suas identidades.

Segundo Dizeu e Caporali (2005, p. 587):

CIÊNCIAS HUMANAS
REVISTA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
URI FREDERICO WESTPHALEN
ISSN 1981-9250
PPGEDU

> A partir da aquisição de uma língua, a criança passa a construir sua subjetividade, pois ela terá recursos para sua inserção no processo dialógico de sua comunidade, trocando ideias, sentimentos, compreendendo o que se passa em seu meio e adquirindo, então, novas concepções de mundo.

O mesmo processo acontecerá com crianças surdas, mas não de maneira natural sendo filhas de pais ouvintes, uma vez que as modalidades linguísticas utilizadas na interação familiar não são apreendidas pela criança. Daí surge a necessidade do contato da criança surda com um adulto surdo fluente em Libras, constituindo assim um caminho mais fácil para a aquisição da língua. A partir dessas condições, adquirindo a Libras, a criança será então capaz de significar o mundo. (DIZEU, CAPORALI, 2005)

Gesueli (2006) afirma a importância da Língua de Sinais, tanto na constituição da identidade surda como no trabalho educacional e, discutir sobre a presença do professor surdo, indica que este profissional contribui significativamente para a aquisição da Língua de Sinais pela criança, possibilitando a identificação com este sujeito e, consequentemente, o reconhecimento da identidade surda, por meio do uso/ensino da Libras.

Camila, apesar de morar sozinha, possui dois irmãos e na descrição de sua relação com eles, percebemos que esta é permeada por atritos, o que pode indicar a não aceitação da surdez por parte desses membros da família:

> *Eu brigava muito com minha irmã. É como se ela tivesse muito ciúme de mim.*
> *Ficar com minha família é complicado. Meu irmão briga muito comigo. Minha irmã também é uma chata!* (Camila, aluna)

Observamos assim que algumas decisões na vida de Camila foram baseadas no relacionamento que ela estabelece em casa, onde apenas sua mãe sabe Libras. Segundo Kashyap (1986) *apud* Lebedeff (2001), após o diagnóstico da surdez algumas mudanças ocorrem no interior da família e, entre essas mudanças, a autora enfatiza que os ciúmes que porventura possam existir são reforçados, de modo que os outros filhos passam a ver o surdo como o predileto de seus pais, gerando conflitos e brigas, o que parece ser o caso relatado por Camila anteriormente. O estudo realizado por Dias et al. (1999) mostrou que as incidências de brigas são grandes entre o sujeito surdo e os membros familiares mais próximos como irmãos e mães, sendo o motivo relatado de maneira genérica como "coisas do dia a dia".

Camila também indica uma falta de relação com seus irmãos quando relata que não gostava de ficar em casa quando mais jovem porque se encontrava sozinha.

CIÊNCIAS HUMANAS
REVISTA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
URI FREDERICO WESTPHALEN
ISSN 1981-9250
PPGEDU

> *Fui desenvolvendo (a Libras), tendo contato com outros surdos, no trabalho, passeios. Eu nunca gostei de ficar sozinha em casa. Embora sempre que saia deixava mamãe preocupada com a comunicação com os ouvintes, trânsito, violência... sim, eu sei que para os surdos certas coisas são difíceis, mas eu sempre dizia a ela para não se preocupar.* (Camila, aluna)

Vemos ainda nesse depoimento a relação de confiança com sua mãe, uma vez que mesmo a preocupação existindo a jovem saía de casa para encontrar seus pares. Segundo Dizeu & Caporali (2005) "o que atrai o surdo a integrar-se em uma comunidade surda são as possibilidades comunicativas e a identificação de si, que lhe causam uma participação confortável de convívio." (p. 549)

Perlin (2005) também nos diz do encontro surdo-surdo como essencial para a formação de uma identidade surda, descrevendo este encontro como "um abrir do baú que guardam os adornos que faltam ao personagem". (p. 54) A autora ainda nos fala que as identidades surdas assumem formas multifacetadas por estarem sujeitas ao poder ouvintista[6], porém elas não se diluem completamente pelo encontro ou convivência em meios socioculturais ouvintes.

A partir das relações descritas, principalmente da relação dos jovens com a língua de sinais, gostaríamos de destacar, entre as múltiplas identidades apontadas por Perlin (2005), as **identidades surdas** que se encontram presentes entre aqueles que fazem uso da experiência visual no sentido exato do termo. Como nos indica os depoimentos de André e Camila, nesta identidade tem-se a consciência surda, o reconhecimento de ser diferente e que isso implica em recursos completamente visuais, como a língua de sinais.

Coincidentemente ou não, este primeiro grupo, que foi descrito através das relações familiares, mostra indícios de aceitação da surdez e é formado por mães que possuem maior grau de escolaridade.

No outro grupo, oposto ao anterior, a relação dos jovens com suas respectivas famílias aparenta ser marcada pela não aceitação da surdez, indicada, principalmente, pela ausência da Língua de Sinais na comunicação. A aluna Ana revela que se relaciona com sua família exclusivamente por meio da modalidade oral, sem o auxílio dos sinais. Seu núcleo familiar é formado por sua mãe, tia e uma prima, sendo que nenhuma delas domina a Língua de Sinais. Segundo ela, sua prima sabe apenas o alfabeto manual, não consegue fazer os sinais e por isso Ana perde a paciência quando a prima tenta se comunicar utilizando a Língua de Sinais porque, na verdade, ela utiliza apenas a datilologia o que torna a conversa demorada e cansativa já que ela soletra tudo que fala.

[6] "O ouvintismo deriva de uma proximidade particular que se dá entre ouvintes e surdos, na qual o ouvinte sempre está em posição de superioridade." (PERLIN, 2005, p.58)

CIÊNCIAS HUMANAS
REVISTA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
URI FREDERICO WESTPHALEN
ISSN 1981-9250
PPGEDU

Quando pergunto se já tentou ensinar Libras a ela, responde sem paciência *"ah, mas não aprende nunca. Ela já tem 24 anos e não aprende nada."*.

Segundo seu depoimento, aos dois anos de idade descobriram sua surdez, desde então usou aparelho auditivo, até os nove anos, e também frequentou a fonoaudiologia até o ano de 2015. Com isso, ela diz que hoje escuta "metade" do ouvido direito e não escuta nada do lado esquerdo, e que é oralizada. Não gosta do aparelho auditivo porque faz muito barulho e lhe dá dor de cabeça. Mesmo com a fonoaudióloga alertando-a que se ela não o usar irá parar de ouvir, ela diz que está feliz assim, que é surda. Desde criança frequentou escola regular, inicialmente em turma separada para surdos e aos oito anos foi para uma turma de inclusão.

Ela ainda nos conta que aprendeu a falar quando criança e parece que é devido a este histórico acima relatado que sua família se acostumou a usar a fala como meio de comunicação. Convivendo em um ambiente ouvinte, ela relata que usa a Libras apenas na escola.

> *Só na escola que usa mais (Libras), lá em casa não. Lá em casa é só oral. Fora (da escola) é oral, família oral, viagem é oral, tudo é oral. Só aqui na escola que respondo em Libras.* (Ana, aluna)

Seu depoimento nos mostra o ambiente familiar marcado pela fala, o que pode ser visto como não aceitação de sua surdez, posto que não se comunicam com ela utilizando a Língua de Sinais. É possível interpretar essa posição da família de Ana como uma forma de proteção. A importância da fala, da oralidade, é apontada por Dias et al. (2005) como um desejo das mães de crianças surdas, entendido como uma preocupação, uma maneira de proteger a criança, dado o medo de que estas não consigam se comunicar e serem entendidas quando longe de casa. Com isso, parece que a família de Ana exerce sobre ela o que, Perlin (2005) denomina como ouvintismo tradicional, onde não há saídas para os surdos além dos modelos de identidade ouvinte.

Entretanto, mesmo tendo sua relação com sua família marcada pela oralidade, Ana quis parar com os atendimentos à fonoaudióloga o que foi aceito por sua mãe, já que ela atingiu o objetivo que era falar, e afirma que não tem medo de parar de ouvir por não usar o aparelho auditivo e com isso não conseguir utilizar da oralidade.

> *Aí a minha família pergunta "você tem que usar aparelho se não você vai ficar surda. Não tem problema eu ficar surda, eu sou surda, eu fico mais feliz.*
> *Larguei com 9 anos (o aparelho auditivo). Parei de usar. Na verdade minha fono falou que eu vou parar de falar. [...] Tô bem, sem aparelho eu fico bem. Eu não tenho o que reclamar.* (Ana, aluna)

CIÊNCIAS HUMANAS
REVISTA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
URI FREDERICO WESTPHALEN
ISSN 1981-9250
PPGEDU

Notamos assim, que a afirmação de Ana acima se assemelha a uma **identidade surda híbrida**, que acontece com aqueles sujeitos que nasceram ouvintes e se tornaram surdos, sabendo com isso usar a estrutura do português falado e o utilizam como língua. (PERLIN, 2005) Deste modo, é como se Ana utilizasse de duas identidades diferentes em momentos distintos. Mesmo tendo presente as duas línguas, pelo fato de nascer ouvinte e ficar surdo, como aconteceu com Ana que relata ter aprendido a falar ainda criança, Perlin (2005) indica que a identidade do sujeito irá ao encontro das identidades surdas.

Questionada sobre como seria sua vida se acontecesse o que a fonoaudióloga lhe alertou, a ausência da audição e consequentemente da fala, Ana diz que diante dessa nova situação passaria a se comunicar só em Libras, mesmo com sua família e então eles seriam "obrigados" a aprender. Porém, enquanto isso não acontece ela afirma que continuará como está, falando em Libras na escola e com os outros surdos, e usando a oralização no ambiente familiar. Devido a sua estrutura familiar, Ana diz não ter muito contato com seu pai e seu irmão mais velho que moram em outra cidade. Ambos também não sabem a Língua de Sinais.

Stelling et al. (2014) indicam que a primeira orientação dada aos pais de uma criança surda é feita por profissionais de saúde, que devido ao seu enfoque clínico tira dos pais a oportunidade de entenderem a surdez a partir de sua perspectiva cultural, onde a Libras é compreendida como o meio natural de aquisição de linguagem, o que poderia vir a sanar os problemas de comunicação entre pais ouvintes e filhos surdos.

Por fim, o aluno Lucas possui núcleo familiar formado por sua avó e sua mãe e não utiliza a Língua de Sinais para o diálogo. Sua perda auditiva foi ocasionada por meningite quando ele tinha apenas um ano de idade. Desde bebê fez tratamentos fonoaudiológicos por muitos anos, não constando a informação de quando o tratamento terminou. Em sua trajetória escolar, frequentou durante pouco tempo a Escola Estadual Francisco Sales quando tinha 4 anos, em seguida, foi para uma escola onde os alunos surdos ficavam em uma sala separada e só depois de um tempo houve a inclusão com os alunos ouvintes.

Ele declara que sua mãe não sabe Libras, apenas o alfabeto manual. Quando pretende dizer algo a ele, ela aponta para os objetos e faz mímicas. O jovem explica que há alguns sinais que são icônicos, ou seja, são compreendidos mesmo quando não se sabe Libras, por exemplo, o sinal de comer ou quando quer lhe oferecer uma fruta aponta ou faz o sinal de banana que também é icônico.

Quando questionado sobre a ausência da Língua de Sinais em sua família, afirma que é "metade" oralizado, ou seja, consegue realizar parcialmente a leitura labial e tem dificuldade para falar algumas palavras, entretanto é assim que se comunica dentro de casa e já se acostumou. Indagado sobre qual forma prefere se comunicar, já que na

escola utiliza apenas a Libras e em raros momentos a oralização, anuncia que precisa dos dois meios de comunicação uma vez que as modalidades adotadas nesses ambientes são diferentes. Percebemos assim uma limitação na relação que se estabelece entre mãe e filho. O que é notado em casos onde há uma criança com surdez em que os pais desconhecem ou não aceitam a Língua de Sinais, fazendo com que as interações familiares sejam lesadas (DIAS et al., 2005).

Desse modo, Lucas se aproxima do que Perlin (2005) chama de **identidades surdas incompletas**, expressa por surdos que estão submetidos a uma ideologia ouvintista que busca socializar o surdo de acordo com a cultura dominante. Essa hegemonia cria redes de poder que faz com que seja difícil para o surdo se organizar ou ir ao encontro de movimentos que quebrem essa relação de poder.

Como pontuado no primeiro grupo, no que diz respeito ao grau de instrução, coincidentemente ou não, essas famílias que parecem negar a surdez dos jovens são constituídas por mães que possuem menor grau de escolaridade.

O Lazer e o tempo livre

As relações descritas no tópico anterior parecem influenciar no modo como o jovem vai construindo a sua condição juvenil. Dentre algumas características dessa condição, temos o lazer. De acordo com o questionário aplicado, os jovens assinalaram a respeito da frequência que se dedicam a determinadas atividades, com as seguintes opções de marcação: todo dia, de vez em quando, não tem interesse ou não tem acesso. O questionário foi respondido pelos nove estudantes participantes da pesquisa e, com isso, os resultados apresentados neste tópico não se referem somente aos jovens entrevistados.

Sobre com que regularidade os jovens leem jornal, a maioria assinalou de vez em quando; um jovem afirmou que exerce essa atividade todo dia e um disse não ter interesse. Em relação à TV, tivemos mais jovens que assistem à TV todos os dias, 3 (três) afirmaram assistir de vez em quando e 1 (um) jovem não tem interesse. Interessante notar que o jovem assinala não ter interesse na TV faz pouca leitura labial, segundo seu plano de desenvolvimento individual, o que pode explicar sua indiferença à programação televisiva. Atualmente, a portaria da Anatel n°958[7], de 26 de setembro de 2014, regulamentando sobre a acessibilidade dispõe em seu item 5.20 sobre os programas políticos partidários, campanhas institucionais e informativos de utilidade pública, não atingindo a maior parte de sua programação. O que nos leva a duas

[7] Disponível em http://www.anatel.gov.br/legislacao/procedimentos-de-fiscalizacao/811-portaria-958. Acesso: 13/08/2018.

possiblidades, os jovens criam mecanismos próprios para acompanhar a programação ou há o desinteresse por parte de jovens surdos.

A prática de esportes teve grande variação, onde todas as opções foram marcadas. Apenas um jovem assinalou que pratica esportes todos os dias. No que diz respeito ao uso da internet, 6 (seis) jovens declararam fazer uso deste mecanismo todos os dias e 3 (três) afirmaram utilizá-la de vez em quando.

As outras atividades de lazer e entretenimento sobre as quais os jovens responderam são aquelas realizadas fora de casa e tinham como opção de marcação as seguintes alternativas: pelo menos uma vez por semana, pelo menos uma vez por mês, raramente, não tem interesse e não tem acesso.

Os encontros religiosos também tiveram variação nas respostas, 4 (quatro) jovens afirmaram comparecer pelo menos uma vez na semana, seguido por duas marcações de raramente e não tem acesso, e apenas 1 (um) jovem respondeu não ter interesse. Ir ao shopping é uma atividade que acontece pelo menos uma vez por semana para a maioria dos jovens. Já ir ao cinema, é algo que acontece raramente ou pelo menos uma vez ao mês. Podemos associar esta informação com a surdez dos jovens, uma vez que os filmes não contam, em sua grande maioria, com janela em Libras. O mesmo acontece com shows, onde a maior parte assinalou ir raramente, seguido pelo fato de não terem interesse. Essas informações também podem ser associadas com o perfil socioeconômico das famílias, uma vez que "o lazer é atividade social e historicamente condicionada pelas condições de vida material e pelo capital cultural que constitui sujeitos e coletividades". (BRENNER, DAYRELL & CARRANO, 2005, p. 178)

A maioria afirma sair com os amigos pelo menos uma vez na semana. Dois jovens dizem que os encontros acontecem pelo menos uma vez no mês, a opção raramente também foi marcada por 2 (dois) jovens e apenas um assinalou que não tem interesse. André conta que hoje se encontra mais frequentemente com amigos ouvintes do que com surdos devido às rotinas de trabalho e estudo que se tornaram diferentes, impossibilitando o encontro com seus pares. É também devido a sua rotina que ele relata que quando sai para passear isso acontece aos finais de semana, já que de segunda até sexta-feira se dedica à escola, ao trabalho, estuda na parte da noite e dispõe de um tempo para ajudar sua mãe nas tarefas de casa e conversar com ela.

Este aluno supracitado é um jovem alegre, brincalhão e comunicativo, o que pode ser relacionado com a relação que sua família estabelece com a surdez, dentre outros fatores, levando o jovem a ter também uma postura positiva. Aos domingos vai à igreja com sua mãe e irmã, como já citado, porém ressalta que quando tem algum compromisso marcado, como um passeio ou uma viagem, falta ao culto, fora isso está

sempre presente. Quando sondado sobre o que ele gosta de fazer no tempo livre ele explica:

> *Gosto de passear, gosto de assistir filme, novela não, gosto de filme. Filme, por exemplo, de carro, guerra. Se não tiver nada pra fazer, aí eu vejo filme. Se tiver coisa pra fazer aí eu não vejo não. Gosto de preparar como vai ser meu futuro, pensar nas coisas. Gosto de ficar com minha família, por exemplo, estar junto da minha mãe. Eu gosto sim. Também gosto muito de conversar com minha noiva.* (André, aluno)

Percebemos em sua fala, além de uma preocupação com o futuro ao expressar que gosta de pensar sobre isso, um compromisso com as atividades da escola, assinalando que só assiste a filmes quando não há outras tarefas para serem cumpridas. Com isso, André foi perguntado sobre suas férias escolares, onde não teria trabalhos e avaliações com que se preocupar e poderia dedicar seu tempo a atividades de lazer. Ele relembra:

> *Ah, eu aproveitei pra passear, pra viajar, pra outras cidades, visitar... [...] fui pra Pernambuco visitar minha noiva. Fui conhecer outras cidades lá também, vários lugares.*
> *Foi ótimo. Conheci muita coisa. Eu não gosto de ficar em casa não. eu gosto de passear, conhecer outros lugares, é bom pra vida pra abrir a cabeça. Por exemplo, aí quando eu casar já vou ter conhecido várias coisas diferentes. Eu também tenho vontade de conhecer outros países.* (André, aluno)

Notamos que em seu tempo livre, André gosta de se dedicar a passeios para conhecer novas cidades e que em seu discurso, mais uma vez, aponta para seu projeto de casamento se constituindo, acrescentando sentido as atividades de lazer. Mesmo com a distância, sua noiva mora em Pernambuco, ele diz que tem um bom relacionamento e que conversam todos os dias, ela é surda e usam, além do Português escrito, recursos de vídeo para a comunicação.

Camila também possui uma postura positiva em relação à surdez que pode ser entendida por meio da sua relação familiar, entre outros fatores. Sua trajetória de vida também nos indica isso, visto que saiu da casa de sua mãe e foi morar sozinha. É uma jovem que, segundo ela, "leva a sério" os estudos porque tem um desejo muito grande de se formar. Sua autonomia pode ser percebida ao contar casos sobre quando saía de casa. Ela revela ainda que isso não acontece com a frequência a qual ela gostaria porque não lhe sobra dinheiro para isso. Entretanto, indica querer ter condições de poder viajar e passear com sua filha, coisas que fazia quando mais nova, antes da gravidez.

CIÊNCIAS HUMANAS
REVISTA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
URI FREDERICO WESTPHALEN
ISSN 1981-9250
PPGEDU

> *Eu saia muito, eu ia pra Praça Sete de madrugada, eu bebia, com 16, 17 anos. Desde aí já não era muito família. Eu gostava de sair. Gostava de sair, de beber."* (Camila, aluna)

A Praça Sete, localizada no centro de Belo Horizonte, é um lugar conhecido por todos como ponto de encontro de pessoas surdas. Camila saía mais com seus pares antes de sua filha nascer e estava sempre buscando ir ao encontro deles. Hoje, essa realidade mudou:

> *Passeio um pouco com minha família. Às vezes me ajudam. Às vezes cuidam da minha filha para eu passear com meus amigos surdos também. Se tenho dinheiro, né. Ás vezes passeio a noite também.* (Camila, aluna)

Apesar de encontrar, como relatado, poucas vezes os amigos surdos, ela conta que também tem muitos amigos ouvintes os quais também têm filhos e, por isso, trocam experiências. Algumas dessas amigas sabem Libras e outras não, mas ela diz que a comunicação é possível, através de gestos ou escrevendo algumas palavras.

Com isso, podemos notar uma mudança de sentido atribuído ao tempo livre. Antes, esse era o tempo em que ela se dedicava ao encontro de seus pares, participando mais ativamente da comunidade surda. Hoje, seu tempo é dedicado à sua filha, às tarefas domésticas e as atividades fora de casa são escassas por falta de recurso financeiro. A respeito dos seus relacionamentos, Camila conta que já teve alguns namorados e relata, sem constrangimentos, suas experiências, indicando, mais uma vez, como se posiciona diante da surdez. Seu relato indica que a condição de ser jovem surda não é uma barreira para vivências/experiências. Ela conta que já teve relacionamentos curtos, de poucos meses, outros mais longos e também que já morou com um de seus namorados, entretanto, a experiência não foi positiva. A jovem conta ainda que sua gravidez não foi planejada e que se enganou a respeito do pai de sua filha por pensar que ele seria uma pessoa inteligente e madura por causa de sua idade. Ela relata com pesar que não recebe nenhum tipo de ajuda do seu ex-companheiro e que, por isso, deflagrou um procedimento jurisdicional.

Lucas, por sua vez, dedica seu tempo livre quase exclusivamente para o futebol. Ele conta que joga todos os sábados, vai ao estádio com frequência e que quando sai para a casa de algum amigo vai conversar sobre futebol ou jogar vídeo game, também de futebol. Ele usa o sinal de viciado quando fala sobre o assunto, sinal usado por este grupo de surdos quando querem dizer que alguém gosta exageradamente de algo ou quando faz algo com uma frequência muito grande. Ele é um jovem muito tímido, mesmo com seus pares surdos, posiciona-se pouco e suas interações são mais para a

"zoação" de namoros e paqueras. Seu jeito de ser pode ser visto como uma reverberação de como se relaciona com sua família.

É o futebol o esporte que permite o maior contato dele com os alunos ouvintes. Ele é sempre convidado a jogar bola nas aulas de Educação Física. O aluno também pratica os outros esportes dessa disciplina fazendo com que este momento seja de maior interação. Diz que já está acostumado a praticar futebol com ouvintes já que joga no final de semana e que utiliza de sinais icônicos para a comunicação, como o de substituição, e também o olhar, dado que é um esporte muito visual. Como os demais, ele se diverte tanto com ouvintes que fazem parte do grupo de futebol aos sábados, como com seu tio que o acompanha ao estádio para ver seu time jogar e, também, tem seus amigos surdos, com quem conversa e visita em suas casas. Ele conta que, desde que completou 16 anos, sua mãe não impõe barreiras para que ele saia. Completa afirmando que agora já tem 18 anos e então é mais fácil, contudo, sua mãe sempre o alerta de que é preciso ter cuidado, sem o impedir de sair.

Ana é uma jovem que não tem autonomia para sair de casa. Ela relata que sua família viaja muito para outras cidades de Minas Gerais, como, por exemplo, Divinópolis, Pitangui, Uberlândia, pois tem parentes nesses lugares. As viagens acontecem com bastante frequência o que ocupa quase todo o seu final de semana. Nessas viagens ela conta que conversa com seus parentes, descansa, joga peteca e encontra com seus primos. Quando não viaja, ela conta que fica em casa e conversa muito com sua prima que mora com ela e também nos grupos de WhatsApp. Sua convivência se dá mais com ouvintes, e com os surdos sua comunicação é feita com mais frequência pelo celular. A jovem já mostrou os vários grupos de WhatsApp dos quais ela faz parte e conta que alguns só possuem integrantes surdos, outros são mistos de ouvintes e surdos. Ela conta que os surdos preferem conversar por vídeos, já que alguns não dominam o Português e por ser mais fácil estabelecer um diálogo em Libras porque, segundo ela, "é a língua própria do surdo".

Stumpf (2010) afirma que, se para os ouvintes as tecnologias instauraram modificações profundas em toda a sociedade, para os sujeitos surdos tais mudanças podem tornar-se ainda mais relevantes. A autora indica que as comunidades surdas, que têm como maior expressão a Língua de Sinais, não estão geograficamente localizadas no mesmo lugar e se encontram espalhadas em um mesmo território. Mesmo assim, a participação em associações e clubes sempre foi importante para os surdos, visto que esses ambientes proporcionavam a possiblidade de se comunicarem profusamente. As novas tecnologias surgem então, somando outras possiblidades de comunicação.

> Para os surdos às modificações trazidas pelas novas tecnologias não foram apenas educativas sociais e laborais, mas, sobretudo de inserção comunicativa em muitas das atividades de vida diária antes inacessíveis, pois,

CIÊNCIAS HUMANAS
REVISTA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
URI FREDERICO WESTPHALEN
ISSN 1981-9250
PPGEDU

> a distância e o tempo se encurtam pela Internet e surgiram novas maneiras de se relacionar. (STUMPF, 2010, p. 5)

Por meio das novas tecnologias ocorre o contato com seus pares, ou seja, o encontro surdo/surdo, atividade que antes não acontecia, pois, a maioria dos surdos se encontra cercado tanto em casa quanto no trabalho de ouvintes que não se comunicam na Língua de Sinais. (STUMPF, 2010)

Notamos, através da fala dos jovens e da observação, que a forma de se relacionar também está muito ligada ao uso do celular. É através de aplicativos como WhatsApp e Facebook que os jovens encontram outra alternativa de comunicação e é, também, um meio para solucionar problemas ou então colocar fim em uma relação.

O encontro presencial com os surdos, segundo Ana, acontece de vez em quando na ocasião de ter uma partida de futebol entre eles e ela é convidada a assistir. Ela conta que não comparece à associação de surdo com frequência onde acontecem essas partidas porque é muito longe de sua casa e sua mãe não a deixa ir sempre. Sua participação acontece apenas no mês de setembro, mês que é dedicado à surdez, quando se comemora o dia nacional do surdo e também da Língua de Sinais. A proibição da mãe não parece aborrecer Ana. Quando questionada sobre isso ela afirma que sua mãe acha perigoso que ela saia sozinha e finaliza dizendo que ela precisa obedecer e respeitar sua mãe. Como indica Brenner, Dayrell e Carrano (2005) essa é uma realidade dos jovens mais novos que têm menos liberdade de escolha sobre as atividades dos finais de semana dentro de seus núcleos familiares e esta ausência de liberdade se sobressai quando se trata do sexo feminino.

O Trabalho

O trabalho é outro aspecto que compõe a condição juvenil na sociedade moderna e que, aqui, pode ser analisado à luz das relações familiares descritas no início desta seção. Dos jovens entrevistados, dois trabalham no contra turno da escola, como já mencionado. André trabalha como jovem aprendiz através da Rede Cidadã[8] em uma empresa de Belo Horizonte. Ele revela que já teve uma experiência de trabalho anterior à que vive e a descreve de maneira negativa.

> *Eu prefiro agora. Antes eu tinha muito trabalho, trabalhava muito. Eu trabalhava em uma lanchonete, mas o bairro era ruim, as pessoas me chamavam de mudo e eu sofria. Eu trabalhei dois anos e dois meses e*

[8] Para mais informações acessar: http://www.redecidada.org.br/ Acesso: 13/08/2019.

> *larguei. Depois eu consegui outro, o de agora, que é tranquilo.* (André, aluno)

Podemos visualizar no depoimento de André o preconceito social sofrido ao ser chamado de mudo. Cardoso (2016) indica que, mesmo com avanços informativos sobre a cultura surda, ainda há grande parcela da população que utiliza de terminologias erradas em relação ao sujeito surdo, o que para a comunidade surda transmite uma ideia negativa e preconceituosa. André revela que foi ele quem decidiu começar a trabalhar para conseguir organizar sua vida e "ter um futuro melhor". Essa última fala é recorrente quando o jovem é indagado sobre seu trabalho e se gosta da atividade que faz. André afirma que ama trabalhar e explica:

> *Porque eu quero aprender muito, desenvolver pra no futuro eu já saber das coisas, já ter tido experiências. É melhor e mais fácil desenvolver, ter futuro quando já sabe como fazer, como trabalhar.* (André, aluno)

Percebemos mais uma vez a preocupação com o futuro presente em sua fala. A experiência do trabalho atual, auxiliar administrativo, levou André a mudar o curso que pretende fazer na faculdade. Antes, anunciava que gostaria de cursar engenharia civil e conta que resolveu trocar para administração porque na empresa em que trabalha já aprendeu muita coisa sobre o tema. O trabalho para ele se alinha então com o desejo de continuar os estudos. Para André o trabalho parece se configurar enquanto uma fonte de experiência que lhe trará benefícios no futuro.

O sentido atribuído ao trabalho por André aproxima-se do sentido de um grupo de jovens estudados por Carrochano (2008), onde há um distanciamento de necessidades mais imediatas. Denominado "*para além do trabalho, em busca de novas possibilidades*", a autora indica que neste grupo as "expectativas eram fortemente direcionadas à busca por um trabalho na área correspondente ao curso que almejavam realizar, um trabalho profissional," (CARROCHANO, 2008, p. 13) como parece ser o caso de André.

Em relação à sua comunicação com seus colegas de trabalho, ressalta que não há uma pessoa que domina Libras, apesar de haver outros surdos na empresa, mas não em seu setor. Ele usa de estratégias, como descreve nos trechos abaixo.

> *Eu sou um pouco oralizado, então consigo falar um pouco. Se não entender eu escrevo e mostro. A gente conversa normal, é possível. Dá pra conversar, eu consigo sim.*
> *Quase nada, quase nada. (sobre o conhecimento de Libras dos seus colegas de trabalho) Tem quem sabe pouco, por exemplo, "obrigada", "de nada",*

CIÊNCIAS HUMANAS
REVISTA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
URI FREDERICO WESTPHALEN
ISSN 1981-9250
PPGEDU

> *"água", "banheiro", coisas simples, o básico. Mas dá pra comunicar sim. Apontando também eu consigo entender.* (André, aluno)

Apesar da limitação na comunicação, como descrito acima, André revela o desejo de continuar trabalhando até o final de seu contrato. Com isso, podemos associar, a sua postura no trabalho e o sentido que atribui ao mesmo, como reflexo de sua relação familiar tendo como principal eixo a aceitação de sua surdez pelo seu núcleo familiar, levando-o a ter uma perspectiva positiva da sua experiência no trabalho mesmo diante de situações adversas, como a ausência de uma comunicação na Língua de Sinais. A família também é apontada por Carrochano (2008) como a representação de um suporte central para os jovens pertencentes a este grupo citado. A autora trabalha com o conceito de suporte de Martuccelli (2002), e explica:

> Na compreensão de Martuccelli, torna-se necessário agregar cinco dimensões sociológicas centrais para compreensão dos indivíduos no mundo contemporâneo: os suportes, os papéis, o respeito, a identidade e a subjetividade. A noção de suporte será uma dimensão privilegiada na análise: o indivíduo existe na medida em que é sustentado por um conjunto de suportes. Para um sujeito descentrar-se de si, e ao mesmo tempo distanciar-se do mundo social, exige-se em contrapartida, sua inserção prática em um número importante de redes sociais, sendo ao mesmo tempo importante evidenciar que a noção de suporte difere das noções de recursos, capitais ou redes. Os suportes são mais amplos que as redes: eles não têm necessariamente a materialidade das redes, podem ser reais ou imaginários, visíveis e invisíveis, e graus diferenciados de aceitação social. Não importam quantos sejam os suportes, se bons ou maus, mas o papel que desempenham nas experiências dos indivíduos (MARTUCCELLI, 2002). (CARROCHANO, 2008, p. 5)

Percebemos, com isso, a centralidade da família também presente quando relacionamos outros aspectos da vida dos jovens, e, aqui em específico, a relação com trabalho. Camila também teve outras experiências de trabalho além da atual, entretanto, o sentido que ela atribui ao exercício laboral se difere do exposto acima. Foi a busca pela independência que a fez ir atrás de um emprego, visto que não se relacionava bem com sua irmã, como já exposto. Em várias partes da entrevista, a jovem expõe que é através do seu trabalho como digitadora que mantém a casa que vive com sua filha.

> *[...] aí pensei, eu vou embora. Primeiro paguei o aluguel, sozinha, sob minha responsabilidade. Fui embora em dezembro e pago aluguel, até hoje, quase julho.*
> *Minha vida é difícil, tenho muita coisa pra pagar. Quase não posso comprar roupas para mim, comidas diferentes ou cuido do meu cabelo. Não tenho vontade de gastar. Gasto com a minha filha, aluguel.* (Camila, aluna)

Porém, seu salário parece não ser suficiente quando afirma que sua mãe às vezes a ajuda com as contas da casa e uma tia dá roupas para sua filha. Contudo, é também pelo trabalho que possui hoje que faz planos para o futuro.

> *Pretendo com o meu fundo de garantia dar uma entrada e parcelar uma casa. Já tem 3 anos que trabalho. Estou esperando sair o contrato e vou me mudar.* (Camila, aluna)

O trabalho se caracteriza, assim, como uma forma de alcançar melhores condições de vida para ela e sua filha, mudando de apartamento, pois declara que tem medo de onde mora atualmente, que lá possui um cheiro ruim, não se constituindo como um bom lugar para viver. Sua trajetória de vida nos mostra que, devido à gravidez, Camila se afastou dos estudos e indica, também, como ela relaciona trabalho e estudos, demonstrado abaixo:

> *Eu estava preocupada sem me formar... para conseguir um emprego melhor. Precisava concluir o ensino médio para isso.* (Camila, aluna)

Observamos que a jovem associa a escolaridade a um melhor emprego, o que a levou, entre outras coisas, a retomar os estudos.

Luiza, por fim, apesar de não ter sido entrevistada, informou durante a pesquisa que trabalha em uma associação profissionalizante de menores e afirma que trabalhar é bom para "ter suas coisas". Ela mostra o desejo de depois que formar no ensino médio continuar trabalhando, porém, pretende fazer um curso profissionalizante de cabelereiro antes.

Os relatos das duas jovens assemelham-se a outro grupo também descrito por Carrochano (2008) intitulado "*em busca de melhores empregos*" onde a atividade atual não é vista como o cume de suas vidas profissionais, existindo, assim, o desejo de ter outras experiências laborais, que além de permitir melhores condições de trabalho e salário também fossem ao encontro de seus projetos de formação profissional. Importante salientar como indica Branco (2005) que os jovens são, em sua maioria, aqueles que ocupam posições de baixa qualidade, possuindo vínculos empregatícios marcados pela precariedade e menor remuneração. Essa realidade pode se agravar entre aqueles jovens com surdez.

A ausência de emprego também nos indica o significado que os jovens atribuem ao trabalho. Ana diz que tem o desejo de trabalhar, contudo, esse desejo não é imediato, uma vez que afirma que precisa estudar primeiro e que fazer as duas coisas ao mesmo tempo pode ser "complicado". Desse modo, a jovem também se aproxima do grupo "*para além do trabalho, em busca de novas oportunidades*", referido por Carrochano

(2008), onde as perspectivas em relação ao futuro aparecem como um suporte a estes jovens e, mais ainda, o suporte central seria o desejo de dar continuidade à escolaridade.

Há dois jovens que não trabalham, mas mostraram o desejo de conseguir um emprego. Lucas declarou que ano que vem irá procurar um emprego, mas ainda não sabe informar em qual área ou o que pretende fazer. E completou dizendo que não irá parar de estudar e com isso, conciliará trabalho e escola. Manuela, outra jovem que não foi entrevistada, relatou uma experiência que teve na busca por um emprego ainda da época de realização do trabalho de campo, sem sucesso. Ela disse não se aborrecer com o ocorrido indicando que, apesar da vontade de trabalhar, ela não se configura enquanto uma necessidade imprescindível.

Nota-se que mesmo na ausência do trabalho/emprego, este é um assunto que está presente nos discursos dos jovens, assim como apresenta Guimarães (2005), sobre a já referida pesquisa "Perfil da juventude brasileira". Segundo a autora "o trabalho está [...] entre os assuntos que mais mobilizam o interesse dos jovens; no interior desse amplo tema, a referência precípua é ao tema do emprego." (GUIMARÃES, 2005, p. 159)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As relações estabelecidas entre os jovens e suas respectivas famílias, anteriormente descritas, parecem influir em como o jovem vai construindo a sua condição juvenil. Entre os diferentes aspectos que dizem respeito a condição juvenil, salientamos o lazer e o tempo livre, onde descrevemos também sobre o namoro, e o trabalho.

Os dados do questionário aqui apresentados somados às informações coletadas no dia a dia escolar dos jovens mostram uma aproximação dos resultados encontrados na pesquisa "Perfil da juventude brasileira" realizada em novembro-dezembro de 2003 (BRENNER, DAYRELL & CARRANO, 2005). Quando questionados sobre as atividades que costumam fazer em seu tempo livre, quando não estão estudando ou trabalhando, os jovens da pesquisa citada forneceram um grande leque de respostas que em sua maioria diziam respeito ao lazer e entretenimento. Dentre estas atividades, sobressaíram-se, como primeira opção, as seguintes ocupações: sair com os amigos, namorar e passear. (BRENNER, DAYRELL & CARRANO, 2005) Práticas também presentes, como indicado pelos depoimentos, entre os jovens surdos.

A segunda opção dos jovens ouvintes está relacionada com as atividades desenvolvidas dentro de casa como, por exemplo, ver televisão. (BRENNER, DAYRELL & CARRANO, 2005) Outra prática apontada pelos jovens surdos, mesmo sem a existência da janela em Libras na programação, como já indicado. As atividades

que ocupam o terceiro e quarto lugar na referência dos jovens são, respectivamente, aquelas relacionadas com a prática de esportes, tendo o futebol como destaque, e a visita a parentes e amigos. (BRENNER, DAYRELL & CARRANO, 2005) Estas opções apareceram, também em menor número, entre os jovens surdos, sendo apontadas por Lucas, no que diz respeito ao futebol, e por Ana sobre a visita a parentes.

A ocupação do tempo por atividades culturais é apontada por uma pequena parcela dos jovens (BRENNER, DAYRELL & CARRANO, 2005). O que pode indicar uma falta de políticas públicas direcionadas para esta faixa etária. O mesmo parece acontecer com o jovem surdo que, dada a sua particularidade linguística, pode encontrar dificuldade para ter acesso aos programas culturais.

Desse modo, nos parece que há uma aproximação dos comportamentos dos jovens surdos e ouvintes o que reforça o aparente obvio: eles são jovens e como tais apresentam formas próximas de vivenciarem a sua juventude. O que parece diferenciá-los dos ouvintes é esta particularidade linguística e não tanto as práticas, mas sim com quem elas são realizadas. Os jovens oralizados parecem ter mais opções de relacionamento do que aqueles que se comunicam exclusivamente pela língua de sinais, que convivem apenas com seus pares.

No que diz respeito ao trabalho, os jovens pesquisados apresentaram semelhanças com os jovens ouvintes descritos por Carrochano (2008). Este aspecto também pode ser analisado à luz das relações familiares, uma vez que os dois jovens que trabalham, Camila e André, são aqueles que indicam em suas falas uma aceitação da surdez por parte de suas famílias, principalmente pelo uso da Libras.

REFERÊNCIAS

BECKER, Howard Saul. **Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais**. Editora Hucitec: São Paulo, 1993.

BRANCO, Pedro Paulo Martoni. **Juventude e trabalho**: desafios e perspectivas para as políticas públicas. In: ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni (org.) Retratos da juventude brasileira – análises de uma pesquisa nacional. Editora Fundação Perseu Abramo e Instituto Cidadania. São Paulo, 2005.

BRENNER, Ana Karina; DAYRELL, Juarez; CARRANO, Paulo. **Culturas de lazer e do tempo livre dos jovens brasileiros**. In: ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni (org.) Retratos da juventude brasileira – análises de uma pesquisa nacional. Editora Fundação Perseu Abramo e Instituto Cidadania. São Paulo, 2005.

BURGESS, Robert George. **A pesquisa de terreno** – uma introdução. Oeiras: Celtas, 1997.

CARDOSO, Israel Gonçalves. Surdo-mudo ou mudo, deficiente auditivo ou surdo: quais dessas terminologias pode-se adotar? **Revista Virtual de Cultura Surda**, n°17, fevereiro de 2016.

CARROCHANO, Maria Carla. O trabalho e sua ausência na experiência juvenil contemporânea. 31ª Reunião Anual da **ANPED**, Caxambu, 2008.

DAYRELL, Juarez Tarcísio. A escola "faz" as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. In: VIEIRA, Maria Manuel (org.) **Escola, jovens e media**. Lisboa: Imprensa Ciências Sociais, 2006.

DIAS, Tárcia Regina Silveira; MANTELATTO, Sueli Aparecida Caporali.; DEL PRETTI, Almir; PEDROSO, Cristina Cinto Araújo; GONÇALVES, Tatiane; MAGALHÃES, Roberta. A surdez na dinâmica familiar: estudo de uma população específica. **INES**, Espaço, Jun/1999.

DIAS, Tárcia Regina Silveira.; ROCHA, Juliana Cardoso de Melo ; PEDROSO, Cristina Cinto. Araújo; CAPORALI, Sueli Aparecida. **Educação bilíngüe de surdos**: grupos de familiares. 2005.

DIZEU, Liliane Correia Toscano de Brito; CAPORALI, Sueli Aparecida. A língua de sinais constituindo o surdo como sujeito. **Revista Educação e Sociedade**, vol. 26, n° 91, p. 583-597, Maio/Ago. 2005.

GESUELI, Zilda Maria. Língua (gem) e identidade: a surdez em questão. **Revista Educação e Sociedade**, Campinas, vol. 27, n.94, p.277-292, jan/abril 2006.

GROSJEAN, François. **The right of the deaf child to grow up bilingual**. University of Neuchâtel, Switzerland. 1999.

GUIMARÃES, Nadya Araújo. **Trabalho:** uma cetagoria chave no imaginário juvenil? In: ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni (org.) Retratos da juventude brasileira – análises de uma pesquisa nacional. Editora Fundação Perseu Abramo e Instituto Cidadania. São Paulo, 2005.

JACCOUD, Mylene; MAYER, Robert. **A observação direta e a pesquisa qualitativa**. In: POUPART, J. et al. (orgs.). A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos. 2ª Edição. Vozes: Petrópolis, 2010.

LEBEDEFF, Tatiana. Família e surdez: algumas considerações sobre o impacto do diagnóstico e a necessidade de orientação. **Revista Educação Especial**, n°17, 2001.

LEÓN, Oscar Dávila. Adolescencia y Juventud: aportes teóricos. **Una revision a las categorias de adolescencia y juventude**. Velparaíso (Chila), Mayo de 2008.

MARTUCCELLI, D. **Grammaires de l'individu**. Paris: Gallimard, 2002.

OLIVEIRA, Raquel Gusmão et al. A experiência de famílias no convívio com a criança surda. **Acta Scientiarum Health Sciences**, Maringá, v.26, n.1, p.183-191, 2004.

PERLIN, Gládis Teresinha Taschetto. **Identidades surdas**. In: SKLIAR, C. (Org.). A surdez: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Mediação, 2005.

STELLING, Esmeralda Peçanha; STELLING, Luiz Felipe Peçanha; TORRES, Enilde Maria dos Santos; CASTRO, Helena Carla. Pais ouvintes e filhos surdos: dificuldades de comunicação e necessidade de orientação familiar. **Revista Espaço Aberto**, Rio de Janeiro, n°42, jul./dez. 2014.

STUMPF, Marianne Rossi. Educação de Surdos e Novas Tecnologias. **Texto Base** - Eixo de formação pedagógica, Cursos de Licenciatura e Bacharelado em Letras Libras à Distância. Florianópolis, UFSC, 2010.

URIARTE, Urpi Montoya. **O que é fazer etnografia para os antropólogos**. Ponto Urbe, 11 – 2012.